



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS

FLÁVIO MENDES DA SILVA

O SAGRADO E A RELIGIOSIDADE EM O HOMEM QUE CALCULAVA

João Pessoa

2024

FLÁVIO MENDES DA SILVA

O SAGRADO E A RELIGIOSIDADE EM O HOMEM QUE CALCULAVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras –
Língua Portuguesa, da Universidade Federal da Paraíba
— UFPB, como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Amanda Ramalho de Fretas
Brito

João Pessoa

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

5586s Silva, Flavio Mendes da.
O sagrado e a religiosidade em o Homem que calculava
/ Flavio Mendes da Silva. - João Pessoa, 2024.
34 f.

Orientadora : Amanda Ramalho de Freitas Brito.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências, Letras e Artes, 2024.

1. Literatura. 2. Intolerância Religiosa. 3. O homem
que calculava. 4. Religiosidade. I. Brito, Amanda
Ramalho de Freitas. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82:2

FLÁVIO MENDES DA SILVA

O SAGRADO E A RELIGIOSIDADE EM O HOMEM QUE CALCULAVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras –
Língua Portuguesa, da Universidade Federal da Paraíba
— UFPB, como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

TCC defendido em: 26 / 04 / 2024

Banca Examinadora:

Prof.^a. Dr.^a. Amanda Ramalho de Freitas Brito (UFPB-DLCV)

(Orientadora)

Prof. Dr. Expedito Ferraz Junior (UFPB-DLCV)

(Examinador)

Prof. Dr. Yago Viegas da Silva (UFPB-DLCV)

(Examinador)

João Pessoa-PB

2024

Dedico este trabalho a todos aqueles que almejam uma liberdade plena para cultuar o seu Deus de maneira livre sem as amarras, olhares e atitudes preconceituosas, como também aqueles (as) que não confessam crença alguma, mas que todos sejam respeitados como sujeitos autores e coautores de suas vidas.

Agradecimentos.

Em primeiro lugar agradeço a Deus por me ter ajudado nesta longa caminhada, a não permitir que viesse a retroceder devido o cansaço, agradeço pela saúde, pela força e sabedoria, sem isto seria impossível chegar até aqui.

À minha companheira, Patrícia de Negreiros, foi ela que me inscreveu no Enem, sacrificou os seus estudos e parte de sua vida para me dar condições de retomar meus estudos, negando a si mesma por amor a mim.

Aos meus filhos, Philipe e Benício, sendo eles um dos propulsores que me levaram a prosseguir neste trajeto, para no futuro próximo servir como exemplo de superação e esforço para ambos.

Aos meus pais, Maria da Paz e José Soares, que me trouxeram ao mundo, ensinando-me o caminho da ética, agradeço em especial pelas orações de minha mãe, sei das suas intercessões pelas madrugadas.

Aos meus colegas e professores, seria injusto da minha parte citar apenas alguns colegas e professores que tiveram contribuição significativa na formação acadêmica, logo, os meus sinceros agradecimentos a todos, porque todos me ajudaram na do saber.

A banca examinadora, nas pessoas do professor Expedito Ferraz Junior e professor Yago Viegas da Silva que dedicaram um pouco do seu tempo para se debruçar sobre este trabalho, contribuindo de maneira substancial para o meu crescimento como profissional da educação.

À minha orientadora, Professora Amanda Ramalho de Freitas Brito, por acreditar neste projeto, sem o seu suporte e contribuição não seria possível a sua conclusão. Agradeço lhe também por acreditar na minha pessoa, em me aceitar como seu orientando entre tantos discentes.

Resumo

O objetivo deste trabalho é trazer a luz do conhecimento, a historicidade da religiosidade dos povos que originaram o Brasil, no intuito de desconstruir a narrativa que o povo brasileiro tem um único Deus (monoteísta), embasados através da pesquisa de Cascudo (2011) e das análises dos poemas de Solando Trindade (2009). Propor a literatura como meio de inclusão e ao mesmo tempo, atuar de maneira propositiva no combate à intolerância religiosa no Brasil. Neste sentido, a obra literária proposta para análise e o embate a esta problemática é, *O homem que calculava* de Malba Tahan, heterônimo de Júlio Cesar de Melo e Souza, o romance aborda quatro religiões das mais antigas e tradicionais da humanidade. Para subsidiar nossa proposta de reflexão e análise dos trechos que trata das religiões trazidas na obra, utilizaremos Candido (2006) que aborda sobre a relação da literatura e sociedade no entrelaçamento autor, obra e ouvintes, Compagnon (2009) e Todorov (2009), assim, discorreremos em análise sobre a importância da literatura na contemporaneidade, não sendo apenas um passatempo ou um deleite, mas um agente atuante capaz de modificar a realidade do indivíduo, bem como, da sociedade. Na intenção de usar o texto literário como agente transformador no enfrentamento da violência contra o exercício religioso ao sagrado, a partir dos ambientes educacionais.

Palavras-chave: Literatura; Intolerância religiosa; O homem que calculava; Religiosidade.

Resumen

El objetivo de este trabajo es traer a la luz del conocimiento, la historicidad de la religiosidad del pueblo originario de Brasil, para deconstruir la narrativa de que el pueblo brasileño tiene un solo Dios (monoteísta), a partir de la investigación de Cascudo (2011) y análisis de poemas de Solando Trindade (2009). Proponer la literatura como medio de inclusión y, al mismo tiempo, actuar con determinación en la lucha contra la intolerancia religiosa en Brasil. En este sentido, la obra literaria propuesta para analizar y abordar esta cuestión es la *Del hombre que calculó* Malba Tahan, heterónimo de Júlio Cesar de Melo e Souza, la novela aborda cuatro de las religiones más antiguas y tradicionales de la humanidad. Para sustentar nuestra propuesta de reflexión y análisis de los extractos que abordan las religiones abordados en la obra, utilizaremos Candido (2006) donde aborda la relación entre literatura y sociedad en el entrelazamiento del autor, la obra y los oyentes, Compagnon (2009) y Todorov (2009), así, discutimos en el análisis la importancia de la literatura en la época contemporánea, no sólo como un pasatiempo o un placer, sino como un agente activo capaz de modificar la realidad del individuo como de la sociedad. Con la intención de utilizar el texto literario como agente transformador en el enfrentamiento de la violencia contra el ejercicio religioso de lo sagrado, desde ambientes educativos.

Palabras-clave: Literatura; Intolerancia religiosa; El hombre que calculó; Religiosidad.

Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 A diversidade religiosa em meio à intolerância	13
2.1 Um breve histórico da religiosidade no Brasil.....	13
2.2 A origem do preconceito religioso e o seu conceito?.....	15
2.3 O sagrado e a múltiplas facetas.....	18
3 Reflexão sobre o poder da obra literária.....	23
3.1 A literatura no combate aos males da sociedade.....	23
3.2 O sagrado e as religiões em “O homem que calculava”	25
4 CONCLUSÃO.....	31
5 REFERÊNCIAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho discorrerá sobre uma das temáticas mais sensíveis que atinge o âmago da humanidade, que reverbera desde as civilizações mais antigas até os dias atuais, chamada intolerância religiosa. No entanto, iremos nos ater ao contexto brasileiro com sua pluralidade referente à religiosidade ou não, é o que revela o último censo realizado pelo IBGE em 2010 que trata sobre o tema. Os dados aqui apresentados seguem por ordem decrescente por números de pessoas: a igreja Católica Apostólica Romana continua com o maior número de fiéis – 123.280.172; Evangélica – 42.275.440; Espírita – 3.848.876; Outras religiosidades cristãs – 1.461.495; Testemunhas de Jeová – 1.393.208; Não determinada e múltiplo pertencimento – 643.598; Umbanda e Candomblé - 588.797; Católica Apostólica Brasileira - 560.781; Umbanda - 407.331; Budismo – 243.966; Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos últimos dias – 226.509; Candomblé – 167.363; Novas Religiões Orientais – 155.951; Católica Ortodoxa – 131.571; Judaísmo – 107.329; Tradições Esotéricas – 74.013; Tradições Indígenas – 63.082; Espiritualistas – 61.739; Islamismo – 35.167; Outras declarações de religiosidades Afrobrasileira – 14.103; Outras Religiosidades – 11.306; Outras Religiões Orientais – 9.675; Hinduísmo – 5.675; Pessoas sem religião – 15.335.510 e quem não sabem - 196.099.

A propositura em trazer todos estes dados foi comprovar o tamanho da diversidade religiosa desse continente chamado Brasil, que Cascudo (2011) já havia comprovado em sua obra acerca dessa diversidade, “fácil é saber no que acredita e bem difícil precisar no que não acredita”.

Por entender que o Brasil é diversificado, vivemos num estado laico. A Constituição de 1988 quando foi promulgada deixa bem claro a posição do Brasil sobre não ter uma única religião como destaca o artigo 5º quando diz: “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias”, reafirmando assim, que o Brasil é um Estado laico, ou seja, não tem uma única religião. E para tornar a lei mais dura, em janeiro de 2023 foi sancionado pelo então presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva a lei 14.532/23, que equipara injúria racial ao crime de racismo e protege a liberdade religiosa, antes a pena era de 1 a 3 anos, hoje pode chegar de 2 a 5 anos de prisão. Essas medidas foram tomadas devido o aumento de violência aos templos das religiões de matriz africana e aos seus adeptos. No entanto, outras religiões foram

beneficiadas com tais medidas, pois, assegura a individualidade de cada cidadão em exercer sua fé ou não. Logo, se fez necessário ter leis e uma constituição que enfrenta a quaisquer tipos de discriminação e preconceito religioso.

Um site de grande repercussão nacional o uol.com, apresenta números alarmantes em detrimento a intolerância religiosa, segundo o site teve um aumento de 106% de 2021 a 2022, em 2021 eram 583 ocorrências e passou para 1.200 no ano 2022. A matéria ainda destaca os estados brasileiros onde mais ocorreram esses crimes de intolerância, e elenca: o Estado São Paulo em primeiro lugar com 270 denúncias; em seguido vem o Rio de Janeiro com 219; Bahia com 172; Minas Gerais com 94 e o Rio Grande do Sul com 51 denúncias.

Já g1.globo.com trouxe uma matéria exibida no Fantástico, uma revista eletrônica de grande audiência e credibilidade no país, os casos de violência e intolerância religiosa desencadeada aqui no Brasil. A reportagem traz números assustadores obtidos pelo Ministério dos Direitos Humanos de crimes cometidos contra essa população, simplesmente, por professar outra crença. Segundo o noticiário que traz números desde 2018, foram registradas 615 denúncias de intolerância religiosas no Brasil. O número saltou para 1.418 em 2023, um aumento de 140,3%. Já o número de violações passou, no mesmo período, de 624 para 2.124, um salto de 240,3%. A matéria ainda traz depoimentos que relata acerca da ignorância nas delegacias, em detrimento aos crimes tipificados de intolerância religiosa.

Diante da problemática exposta, procuraremos apresentar neste estudo o quanto a literatura se faz um elemento importante no combate à intolerância religiosa. Como já se sabe das benevolências do texto literário, que já serviu de remédio para vários males da humanidade, com certeza, contribuirá significativamente nesse novo desafio que está sendo proposto para uma transformação de mentalidades, a vislumbrar uma evolução intelectual de conscientização dos sujeitos, com o objetivo de tornar uma sociedade harmoniosa com respeito as diferentes crenças religiosas. Contudo, não é a nossa intenção impor ou dizer que só existe essa solução para um conflito tão sensível e duradouro que perdura ao longo da história, mas o nosso intuito é propor uma reflexão sobre o tema e o quanto a literatura pode ser eficaz nesse embate, haja vista, sua já comprovada eficiência, no sentido de levar ao homem a autorreflexão de si mesmo e do próximo, conseqüentemente, propõe ao indivíduo a se colocar no lugar do outro, (Compagnon, 2009).

Neste sentido, apresentamos obra literária *O homem que calculava* de Malba Tahan, heterônimo de Júlio Cesar de Melo e Souza, para reflexão e proporcioná-la como o objeto de embate ao crime de intolerância religiosa, a promover o respeito as diferentes de crenças. O autor traz como tema principal da narrativa a matemática, entretanto, em vários capítulos do livro a religião surge como pano de fundo, a personagem principal de fé islâmica perpassa por várias religiões com sutileza e reverência. Como é sabido, os praticantes da fé islâmica são rotulados de intolerantes religiosos, essa narrativa é desconstruída ao longo da obra, pois, uma das funções da literatura é levar ao leitor um pensamento reformativo através de cada texto lido (Lopes, 2021).

Para fundamentação teórica traremos para estudo e argumentação de Cascudo (2011), que corrobora na historicidade do início da religião no Brasil, suas pesquisas trazem a essência do povo brasileiro, no que tange a sua religiosidade; os poemas de Trindade (2011) para analisarmos como se deu a junção das divindades do catolicismo e religiões de matriz africana; (Candido, 2006) que aborda sobre a relação da literatura e sociedade no entrelaçamento autor, obra e ouvintes; (Compagnon, 2009) e (Todorov, 2009), os autores discorrem em seus textos sobre a importância da literatura ao longo dos anos e na contemporaneidade.

Assim sendo, no primeiro capítulo deste trabalho apresentaremos uma breve historicidade sobre o início da religiosidade brasileira, bem como, a receptividade de várias crenças e tradições desde a chegada dos colonizadores. Discorreremos sobre o entrelaçamento entre o catolicismo e as religiões de matriz africana, o sagrado e as múltiplas facetas. No segundo capítulo abordaremos a importância da literatura, o quanto ela pode ser eficaz no combate aos males da sociedade, em particular a intolerância religiosa. Fazer uma análise da violência em detrimento à intolerância de crenças. Por fim, trazer parte de trechos do livro *O homem que calculava* para analisamos e refletirmos em detrimento à intolerância religiosa no Brasil.

2 A diversidade religiosa em meio à intolerância

2.1 Um breve histórico da religiosidade no Brasil

No início da colonização existiam apenas povos indígenas em todo território brasileiro com suas crenças e tradições, em seguida chegaram os colonizadores portugueses, com eles o catolicismo, base dos fundamentos religiosos europeus no Brasil, mais adiante foram trazidos os povos oriundos do continente africano com as religiões de matriz africana, esses povos são à espinha dorsal do povo brasileiro, deles originaram-se crenças e tradições. Podemos incluir ainda neste momento de aquisições as nações que vieram ao Brasil no período pós-guerra, incorporando também suas culturas e religiões, tamanha é a pluralidade e diversidades de religiões existentes no país. A partir deste princípio podemos refletir e começar um processo de autorreflexão, no intuito de darmos início à desconstrução de uma narrativa de nação monoteísta, que existe apenas um só Deus. Alguns grupos de radicais tentam insuflar e ao mesmo tempo querer impor com violência no inconsciente da população brasileira essa ideia, tal pensamento é tentar querer apagar a história, ou não ter nenhum conhecimento de como se deu a origem do brasileiro nato. Neste capítulo iremos contrapor essa ideia e propor uma reflexão baseado na pesquisa de Cascudo (2011). Será que é errado afirmar ou ao menos ponderar que é inerente ao brasileiro um espírito voluntário de aceitação a todas as crenças, haja vista, todo o processo que se deu na construção dessa nação?

Cascudo (2011) traça a sua análise sobre a religiosidade do povo brasileiro desde o início da colonização até a contemporaneidade, e apresenta de forma peculiar a essência e diversidade que se compõe a alma do brasileiro, o autor traz o diagnóstico preciso de como era carregado o espírito dos primeiros portugueses que aqui chegaram um pouco antes de 1500, no que tange a sua espiritualidade.

Quando o Brasil apareceu no derradeiro ano o século XV, o português, mareante e conquistador, era mosaico residual das religiões de que fora servidor, mantido o esmalte unificador do Catolicismo. No Brasil ainda recolheu as achegas feiticieras dos Brasis e das Peças do Congo e Guiné. (...) Fácil é saber no que acredita e bem difícil precisar no que não crê. Essa coexistência explica a plasticidade sentimental brasileira, disponível às tentações do Recentismo sem íntimo abandono às crenças da tradição sem idade. (Cascudo, 2011, p.19)

O mosaico residual que o colonizador trazia em si eram as religiões e crendices que carregavam dentro do seu íntimo, mesmo assumindo a fé católica, por isso a ideia da diversidade religiosa pré-existente. Adiante, o autor relata em seus escritos mais características da essência da brasilidade dos primeiros brasileiros, aqueles nascidos nesse

solo, para ser mais preciso no estado da Bahia, e expõe o inconsciente da alma daqueles que carregamos em nosso DNA, e desnuda as nossas entranhas ao revelar o nosso eu mediante os nossos antepassados, é o que afirma esse trecho:

Na intimidade do pensamento, raciocina como o bisavô, embora manobrando mastodontes motorizados, comendo de lata, bebendo veneno destilados, envergonhado camisa vermelha e calça verde. A defesa instintiva respondendo perguntas hábeis sobre religião, é concordar, confirmar, esgueirando sorrisos astutos. Nada de comprometer-se. Identicamente aos pretos africanos e aos nossos indígenas impossíveis, atendendo sábios de Kodak e gravador. (Cascudo, 2011, p. 21)

Podemos observar o respeito dos nossos antepassados pelas diversas crendices, tradições e deuses, o não querer comprometer-se com uma determinada religião, pode ser entendido aqui de diversas formas como - estou aberto para qualquer fé - considero todas religiões, pois, se veneram a alguma divindade é porque são deuses, estes tem que ser considerados como sagrado (Santos, 2018).

Em seguida, para ratificar o quanto dinâmica é a fé do povo brasileiro, Cascudo (2011) traz em outro trecho fatos curiosos que ocorrerá nos primórdios da nossa colonização, o acontecimento histórico retratado pelo autor, revela como se deu esse dinamismo, no incorporar as tradições religiosas de matriz africana ao catolicismo.

Mesmo no quilombo de Palmares no século XVII, as denominações quimbundas disfarçavam organização de influencia reinol. Contemporaneamente no Salvador e Recife, Pais, Mães de Terreiro, Babalorixás, fazem questão de sepultura e exéquias católicas. Céu do Padre Eterno e não de Olurum. A Santidade, de indígenas e negros no século XVI, fora uma contrafação do cerimonial católico. Seriam, evidentemente, as impressões mais sedutoras e poderosas para imitação. A imitação é uma homenagem. A presença do sacerdote prisioneiro entre os escravos evadidos de São Paulo, arregimentado em Goiás, é uma vitória catequista. Essa indispensabilidade da liturgia cristã entre quilombolas positiva surpreendente projeção religiosa. Com as garantias atuais os "terreiros" não dispensam as efígies católicas. (Cascudo, 2011, p. 27)

A compilação entre a religião católica e as religiões de matriz africana foi fundamental para população Afrodiáspora, sem esse "acordo" a subsistência desses povos ficaria ainda mais penosa. O processo de acolhimento a outro deus, não foi tão difícil, haja vista, os africanos não serem monoteístas, (Santos, 2018. p. 3) diz, "Mas nós tivemos que aprender também a conviver com esse deus. E até o aceitamos. Porque, se é deus, deve ser bom. Então, além de ter nossas deusas e nossos deuses, nós ainda temos esse deus". Ou seja, nós que somos brasileiros nato, temos a capacidade de aceitabilidade da diversidade e tolerância religiosa.

Logo, se faz necessário uma reflexão sobre tamanha intolerância alastrada pelo país, com o intuito de extinguir tais práticas, para afirmação de uma sociedade multipluralista, no que se refere às religiões. O autoconhecimento da nossa ancestralidade se faz fundamental nesse processo, só assim poderemos vislumbrar novos horizontes. É imperativo a afirmação de nação mestiça, não só da miscigenação cor e raça, mas também da religião/religiosidade.

Há de ressaltar que mesmo com esta plasticidade da fé, no que tange a diversidade religiosa, o Brasil foi brutalmente colonizado, indígenas sendo catequizados de forma impositiva, por meios de castigos e ameaça de morte senão aceitassem o catolicismo, Paiva (2000). No mesmo contexto da catequização, os povos trazidos da África também foram vitimados neste processo de imposição da fé católica, destacaremos no tópico abaixo, sendo um dos motivos da intolerância religiosa desacerbada.

2.2 A origem do preconceito religioso e o seu conceito

No que cerne ao povo brasileiro, foi constituído e forjado por três povos com suas divindades, entretanto, prevaleceu a religião do colonizador. Haja vista, quando um terminado povo era conquistado tentavam apagar sua identidade, conhecimentos e cultura. Vários estudos partem do princípio que a intolerância religiosa está ligada ao racismo epistêmico, oriundo desde o processo da colonização, que por vez é a base do racismo estrutural (Marinho, 2022). Estar correlacionado e indissociável estes fenômenos, um ligado ao outro. Um dos maiores exemplos desse apagamento foi o que ocorrera no final do século XV, a conquista da monarquia espanhola cristã sobre as autoridades mulçumanas da Península Ibérica. Naquela invasão, além de ocorrer o genocídio (físico) ocorreu também um genocídio (cultural), foram destruídas bibliotecas com acervos de 500 mil livros, Grosfoguel (2016) tipifica como genocídios/epistemicídios, tudo para impor e subjugar aqueles que foram conquistados e sobreviveram aos massacres de extermínio. Partindo dessa premissa de Marinho (2022).

O racismo epistêmico, parte do racismo estrutural brasileiro, que opera desconsiderando os saberes e as experiências das populações Afro-diaspóricas e autóctones das Américas e se constitui como o patrono mor do preconceito às produções de conhecimento destes corpos sócio-político-culturais originários das colônias assinalados pela criação e propagação da ideia de raça como marcadora de desenvolvimento ou de atraso (Quijano, 2005 apud Marinho, 2022, p. 498).

Conhecendo de onde parte a origem da intolerância religiosa, torna-se mais fácil encontrar os antídotos para o combate dessa maldade/crime. Mas o que é intolerância religiosa, qual o seu conceito? Segundo o dicionário Michaelis, intolerância vem do latim *intolerantia* que significa falta de tolerância. Quando se é tratado de intolerância religiosa, encontramos o termo intolerantismo, que significa sistema que não admitem opiniões ou crenças opostas as suas, (Michaelis, 2009, p. 1172.).

Após trazer o conceito do termo para refletirmos sobre, propusemo-nos uma breve busca no Google, na qual encontramos algumas definições sobre a temática, destacamos algumas para discussão: o site do Senado Federal conceitua como, “A intolerância religiosa é um conjunto de ideologias e atitudes ofensivas a crenças e práticas religiosas ou mesmo a quem não segue uma religião. É um crime de ódio que fere a liberdade e a dignidade humana.”, Martins e Silva (2020) concordam com o site do Senado Federal ao reafirmar o conceito, “Pode-se definir a intolerância religiosa como um conjunto de ideologias e atitudes ofensivas, discriminatórias e de desrespeito às diferentes crenças e práticas religiosas ou a quem não segue uma determinada religião” (Martins e Silva, 2020, p.1). Já Marinho (2022) discorre sobre o tema de maneira mais abrangente, a tipificar as atitudes conceituando com clareza em sua avaliação.

Refiro-me à intolerância religiosa como a expressão que descreve o conjunto de atitudes agressivas dirigidas a crenças e práticas religiosas diferentes (e, eventualmente, a quem não crê ou segue qualquer religião), que envolve ofensas ao grupo religioso atacado, desmoralização de suas divindades e símbolos religiosos, destruição de templos e de objetos ritualísticos, perseguição, agressão física e morte. (Marinho, 2022, p. 465)

Veja que a autora mostra os atos delituosos, no que tange as vias de fato, a mensurar cada pratica delituosa do crime, até chegar a pior consequência que é a morte. É pertinente os detalhes apresentados, bem como a progressão da agressividade que se dá tais práticas, para ficar conhecido cada fase desse processo. Saber onde começa até chegar ao estopim da violência extrema é fundamental.

Na história recente não nos faltam exemplos dessa natureza, tomemos como base uma das maiores tragédias do último século, que foi a segunda guerra mundial, se logo de início tivessem combatido aquela intolerância contra os judeus, negros, ciganos e até pessoas com algum tipo de deficiência, não teríamos esta página de horror vivenciada pela humanidade. Tudo começa com um simples comentário mal intencionado ou intencionado mesmo, e vai aumentando com o passar do tempo ganhando proporções imensuráveis, como já mencionamos acima. Cabe a todos nós uma permanente vigilância para evitar que

os horrores do passado não se torne um modelo para o presente. No que tange o cenário brasileiro, a vigilância contra o crime de intolerância religiosa carece de um olhar mais atento, haja vista que tem como base o racismo estrutural como já constatamos. No entanto, além de evidenciar que se trata realmente de racismo, pode ser inferido nesse bojo a falta de conhecimento da história do Brasil, referente aos povos que fundiram a nação brasileira, que eram carregados de cultura e religiosidade. É de ressaltar as medidas já tomadas pelo Governo Federal, são válidas e foram preponderantes para tentar diminuir o crime de preconceito, como na criação de leis e decretos que estão previstos tanto na Constituição Federal quanto no Código Penal, como podemos observar nesta parte do trecho da Constituição de 1988.

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: VI – é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias. (BRASIL, 1988, p. 13)

Já na esfera da justiça, o código penal é ainda mais claro ao cometimento das atitudes criminosas. Vale salientar que esta pena foi modificada, sendo já mensurado na introdução deste trabalho.

“Ultraje a culto e impedimento ou perturbação de ato a ele relativo

Art. 208 – Escarnecer de alguém publicamente, por motivo de crença ou função religiosa; impedir ou perturbar cerimônia ou prática de culto religioso; vilipendiar publicamente ato ou objeto de culto religioso: Pena – detenção, de um mês a um ano, ou multa. Parágrafo único – Se há emprego de violência, a pena é aumentada de um terço, sem prejuízo da correspondente à violência. (BRASIL, 1940, p. 84)

Entretanto, tais medidas não tem sido suficientes nem eficazes no enfrentamento da intolerância, logo, se faz necessário criar outras alternativas para o combate. Sabemos que um dos gatilhos que leva o indivíduo a ser intolerante religioso é o racismo estrutural, contudo, ao inferirmos uma outra possibilidade nos permite uma análise reflexiva do problema. Ao reconhecermos que por falta de conhecimento aprofundado acerca dos povos que originaram o Brasil, e não ter entendimento que nós brasileiros somos a junção dos povos indígenas, portugueses e africanos, é a premissa para o enfrentamento a intolerância. O Governo Federal tem tomado medidas assertivas, criando leis que propicia estes conhecimentos na grade curricular de ensino, como o decreto 10.639, que diz:

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando

a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

Neste sentido, buscaremos propor a introdução de uma literatura inclusiva, amparada pela lei, com objetivo de difundir as diversidades religiosas existentes no país, em particular as que sofrem mais estigmas, sendo a cultura negra a mais aviltada, por vezes, até sufocada na tentativa de apagar da história. Logo, o intento deste trabalho é apresentar uma literatura que seja propositiva, na fomentação da discussão, no sentido de gerar conhecimento amplo das coisas, que busque aproximar o outro e não afastamento.

Acreditamos que o papel da escola como instituição de ensino, sendo preponderante para construção e desconstrução de paradigmas, haja vista, seu primeiro objetivo está na formação de cidadãos com pensamentos críticos, promovedores de questionamentos e inquietudes, capazes de mudar a realidade em que estão inseridos. Somente com o conhecimento mais amplo, digamos mais apurado, será possível alcançar na prática uma sociedade tolerante as diversidades e humanizada, (Lima et al, 2012) dialoga com esse objetivo escolar, quando apresenta o conceito de humanização:

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (LIMA et al., 2012, p. 24)

Na continuidade sobre conceito de humanização, (Lima et al. 2012) coloca a literatura como o possível caminho para aquisição dessa qualidade humana. A obra literária desperta no homem o refletir sobre variados eventos relacionados a si e ao próximo, promovendo a empatia, o se colocar no lugar do outro. Portanto, um instrumento a ser usado no espaço escolar e em outros ambientes no combate ao preconceito, preconceito religioso.

2.3 O sagrado e a múltiplas facetas

A religião/religiosidade faz parte do povo brasileiro, estão ligados como ossos e medulas, indissociáveis podemos assim dizer. Um dos maiores exemplos que podemos ter dessa relação com o sagrado, está na nossa própria origem como nação, aqui já

mencionado. Os povos oriundos do continente africano que aqui foram trazidos, trouxeram suas religiões e culturas em suas almas. Os colonizadores tentaram de todas as formas e maneiras apagar essa religiosidade sem êxito algum, entretanto, as tentativas de pagamento eram duras e terríveis, por meios de torturas e até com a morte, no intuito de impor suas divindades. Para manter viva as suas crenças e a ligação com o divino, os negros fizeram algumas adaptações nas divindades, o que viemos a chamar de “o sagrado e as múltiplas facetas”. Solano Trindade relata em sua poesia como ocorrera esse processo de entrelace das religiões, Católica e Candomblé, como podemos observar no poema *Deformação*.

Deformação

Procurei no terreiro

Os santos D'África

E não encontrei,

Só vi santos brancos

Me admirei...

Que fizeste dos teus santos

Dos teus santos pretinhos?

Ao negro perguntei.

Ele me respondeu:

Meus pretinhos se acabaram,

Agora,

Oxum, Yemanjá, Ogum,

É São Jorge,

São João

E Nossa Senhora da Conceição

Basta Negro!

Basta de deformação!

Ao analisarmos o poema, podemos observar o Eu lírico atônico, pois expressa perplexidade ao ver ainda no terreiro as divindades dos colonizadores exposta no Eirado, haja vista, não existir mais a tortura nem escravidão no Brasil que explicasse aquela subserviência. Talvez o eu lírico estivesse tentando evocar o despertar, uma revolta no povo, levá-los a assumir a crença nos seus Deuses, mostrar a necessidade revelar sua religião sem obscuridade. Sim, o eu lírico era conhecedor da engenhosidade do seu povo, que foi necessário tomar a forma dos deuses brancos para não deixar morrer a devoção aos seus orixás, e que rezava na sua intimidade aos Deus negros. O eu lírico com exclamações, só não mais admitia continuar na mesma sagacidade de tentar esconder a sua verdadeira religiosidade.

Na contemporaneidade podemos destacar um dos entrelaçamento mais incorporado entre as religiões, a incorporação das tradições e oferendas aos Deuses das religiões de matriz africana com o catolicismo. O fenômeno acontece uma vez por ano, está tão presente na nossa cultura que não se é percebido, uma das maiores tradições e festividades do país é a passagem do final de ano, milhares de pessoas deslocam-se a praia, a realizar suas rezas e oferecerem suas oferendas ao mar como forma agradecimento. Sabemos que a orixá considerada como rainha do mar é Iemanjá, a tradição e religiosidade trazida da África incorporada a cultura brasileira da forma mais natural que possível. Está tradição é uma prova irrefutável, o brasileiro nato é passível a aceitação de crenças das mais variadas facetas do sagrado. O poema “Noite de Iemanjá” retrata bem essa incorporação da divindade Afro, uma das maiores festividades do país, como podemos observar:

Noite de Yemanjá

Mar que manda

ondas que vão

ondas que vêm

Flores na praia

Que as águas levam

velas na praia

iluminando a terra

*Um ano que vai
um ano que vem
beijos e abraços
de hipocrisia
beijos e abraços
de sincero amor
Sino tocando
estampidos de fogos
estrelas no céu
gente bebendo
poeta chorando
com riso no rosto
um ano que vai
um ano que vem
beijos e abraços
de sincero amor.
(Trindade, 2011, p.78)*

O eu lírico apresenta a fiel narrativa da celebração do ano novo brasileiro. Sem trazer no corpo do poema a quem se destinara as flores oferecidas ao mar, o autor deixa apenas subentendido, nas entrelinhas, para quem seria as oferendas. Contudo, no título do poema deixa entendido que as flores e velas acesas seriam para Yemanjá, uma Orixá africana. O poema revela também a fusão entre a fé Católica e o Candomblé, é percebido quando ele traz o badalar do sino no poema. Sobre as emoções humanas, o eu lírico extravasa em suas palavras, na tentativa de ser o mais genuíno e autêntico possível, ao expor os sentimentos múltiplos do homem, tanto os falsos quanto os verdadeiros. A forma poética de transmitir com veracidade é o que a arte propõe, também permiti-nos deixar o nosso interior, entender o que percebe outra pessoa desse universo que não é o nosso (Compagnon, 2009).

Quando as divindades são motivos para festividades, confraternização, um meio para os homens se conectarem com o sagrado é plausível, haja vista, a necessidade do ser humano em buscar uma espiritualidade maior que a sua. Entretanto, quando as divindades são usadas como amuletos pelos os detentores do mito, utilizando-se do sagrado para domesticar o homem, não são benesses para o crescimento espiritual, ao contrário, pode

despertar atitudes mesquinhas e perversas, levando-o a cometer a prática de intolerância, uma religião contra a outra. Freire (1967) discorre sobre a irracionalidade do homem quando envolve o mítico a uma consciência fanática.

o mítico de que se envolve a consciência fanática implica numa preponderância de irracionalidade. A possibilidade de diálogo se suprime ou diminui intensamente e o homem fica vencido e dominado sem sabê-lo, ainda que se possa crer livre. Teme a liberdade, mesmo que fale dela. Seu gosto agora é o das fórmulas gerais, das prescrições, que ele segue como se fossem opções suas. É um conduzido. Não se conduz a si mesmo. Perde a direção do amor. Prejudica seu poder criador. É objeto e não sujeito. E para superar a massificação há de fazer, mais uma vez, uma reflexão. (Freire, 1967, p. 62)

Hooks (2020) entende que a espiritualidade vai muito mais além da religião, a autora tenta desvencilhar a religiosidade da espiritualidade, justamente para desvincula-se dos que apoderaram-se dos míticos, conseqüentemente das religiões, para terem o controle dos homens, desconsidera os próprios ensinamentos do sagrado. Mas guiados pelos desejos desenfreados da ganância pelo poder, manipulam as massas em detrimento aos seus interesses, favorecendo no desencadeamento da intolerância religiosa como é percebida na atualidade.

No entanto, partilhamos do mesmo entendimento de espiritualidade que Hooks (2020) apregoa. Segundo a autora, espiritualidade está associado às qualidades do espírito humano que são: o amor, a compaixão, a tolerância, paciência, capacidade de perdoar, harmonia, contentamento e noção de responsabilidade, acrescentaria ainda empatia e respeito ao próximo. Pensamentos iguais a estes até são compactuados entre as religiões, o lamentável é que essas atitudes deveriam ser compartilhadas por todos e não apenas com os próprios integrantes das religiões que fazem parte.

3 Reflexão sobre o poder da obra literária

3.1 A literatura no combate aos males da sociedade.

Não nos faltam exemplos de histórias surpreendentes de pessoas que tiveram suas vidas transformadas através de uma obra literária, poderíamos escrever inúmeros relatos que não seriam suficientes para mencionar cada caso. Iremos trazer três histórias que corroboram de maneira significativa para o embasamento desse trabalho.

O primeiro relato é a história de um apenado que tivemos o privilégio de conhecê-lo num projeto de leitura realizado no sistema prisional do estado da Paraíba, o chamaremos de Rufino da Silva, para preservar sua identidade. Rufino da Silva está cumprindo pena a mais de vinte anos, durante esse período teve o seu primeiro contato com a *Lira dos vinte anos e poesias diversas*, uma coletânea de Álvares de Azevedo, e este encontro mudou a sua vida da água para o vinho. Antes vivia no mundo da criminalidade, a cometer inúmeros delitos que o levaram até a prisão, segundo o próprio Rufino. Hoje dentro de um presídio, Rufino da Silva é autor de quatro livros, sendo um de seus livros publicado por uma editora. Esse poder transformador da literatura potencializa a afirmação de Freire (1987) sobre a autonomia do indivíduo, quando o sujeito passa a ser o protagonista da sua vida utilizando o conhecimento como base para educação.

A educação problematizadora, que não é fixismo reacionária, é futuridade revolucionária. Daí que seja profética e, como tal, esperançosa. Daí que corresponda à condição dos homens como seres históricos e à sua historicidade. Daí que se identifique com eles como seres mais além de si mesmos – como “projetos” – como seres que caminham para frente, que olham para frente; como seres a quem o imobilismo ameaça de morte; para quem o olhar para trás não deve ser uma forma nostálgica de querer voltar, mas um modo de melhor conhecer o que está sendo, para melhor construir o futuro. (Freire, 1987, p. 49)

O segundo e terceiro relatos, são duas histórias fortes e ao mesmo tempo fascinantes que Todorov (2009) narra em seu livro, *A literatura em perigo*. O poder da literatura na vida humana, foi destacada como um dos capítulos do seu livro, através de uma pergunta, “o que pode a literatura?”, esta indagação cria no leitor curiosidade, inquietação e o impulsiona a produzir questões relacionadas ao texto. O autor fundamenta sua teoria em, histórias vivenciadas por pessoas que passaram por algum trauma pessoal ou coletivo, que deram a volta por cima ao colocarem a literatura como o fator preponderante na reconstrução de suas vidas.

O primeiro caso fala sobre John Stuart Mill, que aos 20 anos de idade sofreu de uma forte depressão por longos dois anos, a doença retirou dele toda a alegria e entusiasmo da

vida, nem os remédios puderam aliviar aquela angústia no ser. Foi então que, em dado momento aconteceu o seu encontro com uma coletânea de poemas de Whordsworth, mudando aquele diagnóstico de depressão, que até então era irreversível, poderia culminar na sua própria morte. O autor não deixa claro o que ocasionou a depressão de Jhon Stuart Mill, mas sabe-se que ele tomava remédios para tentar a cura, e ao contato com a literatura ficou curado, leva-nos a pensar que a obra literária o curou. Confirma umas das definições que Compagnon (2009) atribui ao poder que uma obra literária tem.

Uma segunda definição do poder da literatura, sugerida com o Século das luzes e aprofundada pelo romantismo, faz dela não mais um meio de instruir deleitando, mas um remédio. Ela liberta o indivíduo de sua sujeição às autoridades, pensavam os filósofos, ela o cura, em particular, do obscurantismo religioso. A literatura, instrumento de justiça e de tolerância, e a leitura, experiência de autonomia, contribuem para a liberdade e para responsabilidade do indivíduo. (COMPAGNON, 2009, p. 33-34)

O segundo testemunho que Todorov (2009) narra é a história de Charlotte Delbo, uma mulher que viveu os horrores da Segunda Guerra Mundial, esta estava trancafiada e solitária na iminência de enlouquecer em uma das celas de Paris, o seu crime era conspirar contra o regime nazista. Quando tudo estava caminhando para sua loucura, Charlotte teve o seu encontro inusitado com a literatura. Conta a história, que uma prisioneira fazia subir livros amarrados em tipos de cordas até a cela de Charlotte, um desses livros era o romance *A Cartuxa de Parma*, retirando-lhe da total solidão. Mais tarde, indo para os campos de concentração perderá a imaginação e a leveza que o romance lhe havia proporcionado. Ao sair de Auschwitz, mais uma vez foi salva por uma personagem da peça *O Misanthropo (1666)*, de Molière. Charlotte já recuperada dos traumas diz:

“são mais verdadeiras que as criaturas de carne e osso, porque são inesgotáveis. É por essa razão que elas são minhas amigas, minhas companheiras, aquelas graças às quais estamos ligados a outros seres humanos, na cadeia dos seres e na cadeia da história.”(Todorov, 2009, p.75)

As três histórias aqui trazidas apenas comprovam aquilo que já sabíamos, o poder transformador de uma obra literária na vida do ser humano. Contudo, faz necessário o comprobatório para que não paire dúvidas sobre a eficácia da literatura. Dessarte, é considerável a reafirmação do próprio Todorov (2009), no tocante ao poder da literatura.

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. (Todorov, 2009, p. 76)

É com esta propositura, em usar o poder do texto literário para tocar mentes e corações, no intuito de intervir de forma ativa neste ambiente hostil, referente ao extremismo da religiosidade, que utilizaremos a obra *O homem que calculava*, para fomentar debates, discussões, reflexões e autorreflexão, por meio de rodas de leitura ou por escrita criativa/argumentativa. Na intenção de provocar no leitor inquietudes, no sentido de levá-los a serem interventores não só nesta problemática, mas em todas que surgirem, sendo sujeitos e não sujeitados.

3.2 O sagrado e as religiões em “O homem que calculava”

O romance pressupõe estar voltado apenas para o ensino didático da matemática, mas não se engane, enlaça o leitor por outros caminhos do conhecimento, considerado interdisciplinar abrange não só a Matemática mas Geografia, história, Artes e Língua Portuguesa. *O homem que calculava* foi escrito por Malba Tahan pseudônimo de Júlio de Melo e Souza. A obra nos surpreende de forma positiva, pois proporciona aos leitores inferências sobre os cálculos, mas também propõe outras reflexões permitindo trazer outras temáticas. Escrito em 1938, procurava descortinar os problemas matemáticos através de contos mirabolantes, para propiciar aos alunos o gosto pela ciência dos números, tornando-a mais atrativa. Conta a história de dois viajantes de origem árabes, o sábio Beremiz (o calculista) e o seu amigo o “jovem bagdali”, que no decorrer do percurso até a chegada do destino final, solucionavam vários problemas de ordem numéricas, mas traziam outros ensinamentos de cunho social, era detentor de um vasto conhecimento de mundo.

Para trazer o conhecimento almejado, o autor tem um estilo próprio, com uma narrativa moderna e fluente de fácil compreensão, trabalha o realismo de forma objetiva em sua obra, quando surgem termos e temas, de certa forma, complexos, o romancista trata logo em explicar no rodapé ou no apêndice para o leitor situa-se. Ressaltamos a forma poética e romantizada que o autor discorre sobre o sagrado, bem como, a plasticidade em decorrente as tradições religiosas. As histórias narradas mesmo que mirabolantes alcança a verossimilhança, uma das proposituras de Malba Tahan, propondo ao leitor a semiose através da narrativa reflexiva e linear do espaço/tempo em que a trama foi desenvolvida, mediante as ações dos personagens.

A partir da sapiência e caráter peculiar do personagem principal, esta obra literária nos propicia enveredar por inúmeras possibilidades de intervenção no texto. A promover e levar aos leitores uma autorreflexão sobre variados temas, dentre eles a religião. O

romance perpassa por quatro religiões das mais tradicionais e populosas, as quais já viveram e ainda vivem conflitos terríveis. Dentre as religiões inseridas no romance podemos destacar: o Islamismo, o Judaísmo, o Hinduísmo e o Cristianismo. A obra trata dessa temática com uma sutileza e perspicácia muito singular, haja vista a sensibilidade do tema religião. Escrita em 1938, a obra está totalmente contextualizada e integrada com a nossa realidade, (Candido, 2006) discorre sobre o entrelaçamento da obra literária e sociedade.

Tomemos os três elementos fundamentais da comunicação artística — autor, obra, público — e vejamos sucessivamente como a sociedade define a posição e o papel do artista; como a obra depende dos recursos técnicos para incorporar os valores propostos; como se configuram os públicos. Tudo isso interessa na medida em que esclarecer a produção artística, e, embora nos ocupemos aqui principalmente com um dos sentidos da relação (sociedade-arte), faremos as referências necessárias para que se perceba a importância do outro (arte-sociedade). Com efeito, a atividade do artista estimula a diferenciação de grupos; a criação de obras modifica os recursos de comunicação expressiva; as obras delimitam e organizam o público. Vendo os problemas sob esta dupla perspectiva, percebe-se o movimento dialético que engloba a arte e a sociedade num vasto sistema solidário de influências recíprocas. (Candido, 2006, p.33)

Desse modo, podemos afirmar que a obra em questão transcenderá as arestas da intolerância pois fomentará a respeitabilidade ao próximo, sendo eficaz na luta contra atos desumanos, realidade em que se encontra o Brasil. Uma obra que adentra no mais íntimo do indivíduo, que provoca sensações e reflexões sobre a vida religiosa e o sagrado, como também leva aos leitores a aceitação das diferenças, das crenças, das tradições, dos costumes e das culturas. Por isto, entendemos que o romance *O homem que calculava* contribuirá de maneira significativa no processo de combate à intolerância religiosa, promovendo assim, a construção de uma sociedade mais justa e no convívio pacífico entre as pessoas, independentemente, da denominação ou fé que se é confessada.

Entretanto, mesmo a obra tendo este viés de inclusão, vale ressaltar que o autor não trouxe no romance religiões de matriz africana, haja vista, se tratar de um autor brasileiro. Sabemos que a história aborda em geral a cultura árabe, no entanto foi introduzido o hinduísmo através de um sacerdote brâmane, uma religião que está fora do contexto de Abraão (o patriarca das três religiões citadas na obra). Logo, podemos inferir suposições sobre a não inclusão das religiões de matriz africana, como talvez, uma tentativa de apagamento intencionalmente ou não do autor, outrossim o hinduísmo é uma religião politeísta que demarca essa pluralidade, no entanto, a de consideramos essa possibilidade de exclusão no corpo o texto literário.

Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (Lima, et al., 2012, p.19)

Ademais, a obra literária está a serviço da humanidade, um bem comum que todos deveriam ter acesso, mas infelizmente apenas a uma pequena parcela da sociedade usufrui deste vasto conhecimento que ela proporciona. Por isso, temos uma população desinformada, mal instruída, sem o conhecimento mínimo de sua ancestralidade, tão pouco em relação ao ambiente que está inserida, logo, o que temos visto é uma nação mergulhada no intolerantismo e aviltada pelo ódio ao próximo. Por este motivo, com o intuito de construir conhecimentos, promover relações amistosas e valorizar os indivíduos, é que este romance se qualifica para o ensinar sobre as diversidades existentes entre nós, conseqüentemente, torna-las humanizadas.

No que tange à tolerância religiosa observada ao longo da narrativa, o autor vislumbra uma sociedade mais justa e humanizada, a promover a construção de valores e o respeito mútuo entre as pessoas. Foi neste sentido que a trama trouxe histórias ficcionais extraordinárias, utiliza-se da geometria, da matemática e da astronomia, como a ponte para adentrar numa área extremamente sensível e até mesmo hostil que é a religião. Com subtileza, mas ao mesmo tempo audacioso, o autor trabalhou quatro religiões no romance, sem desrespeitar ou transgredir preceitos de nenhuma delas. O foco da obra está além dos números, está na valorização do sujeito e nos vastos conhecimentos que as personagens carregavam, deixando em segundo plano a religião, embora fosse latente a religiosidade de cada um em toda narrativa. Destacaremos alguns trechos da obra em que o autor aborda o sagrado e as quatro religiões, para refletirmos sobre o papel da literatura no enfrentamento à intolerância, e propor caminhos de convivência harmoniosa entre os adeptos das mais diversas religiões existentes no Brasil, considerando assim, o poder de humanização da literatura.

“Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que

nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (Lima, et al, 2012, p.24)”

No capítulo XI, é trazido o Islamismo de forma mais contundente, religião declarada pelo protagonista, este muito religioso era praticante e um grande conhecedor do livro sagrado, o Alcorão. Fica evidenciado sua crença em Alá quando Beremiz (o calculista) faz uma prece a esse Deus:

- Em nome de Alá, Clemente e misericordioso! Louvado seja o Onipotente criador de todos os mundos! A misericórdia é em Deus o atributo supremo! Nós Te adoramos, Senhor, e imploramos a Tua assistência! Conduze-nos pelo caminho certo! Pelo caminho dos esclarecidos e abençoados por Ti. (Tahan, 2011, p.80)

Ao analisarmos a prece, verificamos no início da oração uma das maiores dadas de Alá, a misericórdia. Na continuidade da prece a personagem enfatiza ainda sobre a misericórdia, pontuando que seria o maior atributo de Alá. Logo, entendemos que a essência do Islamismo está firmado na compaixão e amor ao próximo, haja vista, o seu Deus é um Deus clemente e misericordioso, desvinculando-se totalmente do radicalismo e extremismo, prática de uma minoria que distorcem o sentido da palavra religião. (Freire, 1967) define o termo com precisão, e alerta ainda sobre algumas alienações:

Na consciência que tem desta finitude. Do ser inacabado que é e cuja plenitude se acha na ligação com seu Criador. Ligação que, pela própria essência, jamais será de dominação ou de domesticação, mas sempre de libertação. Daí que a Religião — religare — que encarna este sentido transcendental das relações do homem, jamais deva ser um instrumento de sua alienação. Exatamente porque, ser finito e indigente, tem o homem na transcendência, pelo amor, o seu retorno à sua Fonte, Que o liberta. (Freire, 1967, p. 40)

O autor imbuído em desconstruir valores negativos atribuídos, a certa, parcela de alguns religiosos, segue a tecer na trama esse processo de desconstrução de paradigmas, mediante a personagem principal. Beremiz por deter conhecimento de mundo e das ciências dos números, era possível enveredar por qualquer assunto que se sairia bem. Uma das provas dessa sapiência foi falar do rei Salomão (judeu), na casa do vizir Ibrahim Maluf (muçulmano) sem desonrar nenhuma das crenças, esta proeza é narrada no capítulo VI, que fala da sabedoria de espírito de Salomão, por causa do presente oferecido à rainha de Sabá. Aqui, o autor descreve vários acontecimentos no capítulo antes de citar o feito do rei Salomão, como podemos verificar:

Do que ocorreu durante a nossa visita ao visir Maluf. Encontramos o poeta Iezid, que não acreditava nos prodígios do cálculo. O homem que calculava conta, de modo original, uma cáliga numerosa. A idade da noiva e um camelo sem orelha. Beremiz descobre a “amizade quadrática” e fala do rei Salomão. (Tahan, 2021, p. 36).

Notamos o emaranhado de contos que são trazidos no único capítulo, uma propositura do autor antes de enveredar por um terreno escorregadio e delicado. Um esforço de pensamento do artista, mas que é necessário para atingir o objetivo que se é esperado, sendo isto, um dos fios do novelo a servir no desenrolar da trama de uma obra artística, Candido (2006) fala sobre os pensamentos expressivos para chegar a determinado propósito.

Toda obra é pessoal, única e insubstituível, na medida em que brota de uma confiança, um esforço de pensamento, um assomo de intuição, tornando-se uma "expressão". A literatura, porém, é coletiva, na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, para chegar a uma "comunicação". (Candido, 2006, p. 147)

O esforço do autor em dar prosseguimento a este processo de inclusão, empatia e aceitação do outro, continua no capítulo XVIII. Agora o romance traz o Hinduísmo, religião predominante na Índia. Como já é sabido, os Muçulmanos são monoteístas, enquanto a religião Hindu tem vários Deuses, sendo assim politeísta. Para o Islamismo, nação ou pessoas que adoram outros deuses que não seja Alá são pagãs, não herdarão o paraíso. No entanto, o autor apresentou na narrativa um Brâmane sacerdote Hindu, tratando-o como ilustre.

- Nove ou dez séculos antes de Maomé, viveu na Índia um brâmane ilustre que se chamava Apastamba. Com o intuito de esclarecer os sacerdotes sobre os processos para construir os altares e orientar os templos, elaborou esse sábio uma obra intitulada Suba-Sultra, que contém numerosos ensinamentos matemáticos. É pouco provável que essa obra tem recebido influencia dos pitagóricos, pois a Geometria do sacerdote hindu não segue o método dos pesquisadores gregos. (Tahan,2021, p.136)

Em nenhum momento o autor destratou a religião Hindu, nem houve hostilidade entre os personagens, como verificamos no texto. O que está sendo colocado no trecho em evidência, é a pessoa como um ser humano, capaz de conviver em consonância com o próximo, mesmo existindo as lacunas de diferenças.

No capítulo XXVI é trazido no romance nome de Jesus, Deus dos cristãos. O autor entrelaça na trama o Islamismo e o Cristianismo, duas religiões que já protagonizaram batalhas épicas na história, já mencionada no capítulo I deste trabalho. Neste capítulo Beremiz está no palácio real, rodeado dos maiores sábios e religiosos do Islã, no intuito de desafiar acerca de sua crença e sabedoria. Um dos maiores teólogos da fé islâmica, o ulemá Mohadebe-Abner-Rama, o interroga:

- Vou Interrogar-vos, ó calculista, sobre assunto de indiscutível importância para a cultura de um muçulmano. Antes de estudar a ciência de Euclides ou de

Pitágoras, deve um bom islamita conhecer profundamente o problema religioso, pois a vida não é concebível quando se projeta divorciada da Verdade e da Fé. (...) Quero, portanto, que nos apresenteis, neste momento, sem a menor hesitação, quinze indicações numéricas certas e notáveis sobre o Alcorão, o livro de Alá! (...) – O Alcorão, ó sábio e venerável Mufti, compõe-se de 114 suratas, das quais 70 foram ditadas em Meca e 44 em Medina. Divide-se em 611ashs e contém 6.236 versículos, dos quais 7 primeiro capítulo Fatihat e 8 do ultimo, Os homens. (...) O nosso livro Sagrado cita o nome de 25 profetas. Issa, filho de Maria, é citado 19 vezes. (Tahan, 2021, p. 196-197)

Ao analisarmos o título e o trecho deste capítulo, verificamos o quanto o autor está empenhado em fomentar a convivência harmoniosa entre as religiões, pois como nas demais vezes, o centro da questão não era a disputa de qual religião era a melhor ou a pior, a certa ou a errada, nem incitava a violência entre as pessoas. Mas o que foi exposto para reflexão, era que seria possível as duas crenças coexistirem no mesmo espaço, sem ferir ou desrespeitar a outra.

Em síntese, *O homem que calculava*, obra escrita por Malba Tahan heterônimo de Júlio Cesar de Melo e Souza, além de desenvolver no leitor o gosto pela matemática, a obra permite que o autor adentre por espaços sensíveis da sociedade, no caso a religião, sem causar assoreamentos no terreno já extremamente erosivo. Contudo, o romance se faz um baluarte contra o preconceito e a intolerância religiosa, não alude a quaisquer práticas discriminatórias, mas incentiva o respeito, a cordialidade e o viver em comunhão. O texto literário fala a todos os que se deixarem envolver-se por ele. Leva-nos a sentir tristeza e alegria num folhear de páginas, nos provoca compaixão e identificação com o outro, Compagnon (2009). Assim, norteados por este pensamento, acreditamos que este romance servirá como um farol para iluminar as mentes que estão no obscurantismo da intolerância.

4 CONCLUSÃO

A violência de intolerância religiosa desencadeada no Brasil é praticada devido a vários fatores, dentre os principais propulsores estão: o racismo estrutural, o desconhecimento da historicidade dos povos e religiões que fundiram o país e os detentores do mítico/sagrado. O racismo estrutural, parte desde a ação dos colonizadores em subjugar tanto os povos indígenas, quanto os povos africanos aqui escravizados, para fazer valer suas vontades, impor seus deuses e a sua cultura como a única e superior as demais. O desconhecimento da historicidade dos povos e religiões que fundiram o país, são aqueles que não conhecem na sua essência, sua história, de onde vieram e o que são. Já os detentores do mítico/sagrado, são aqueles que se apossaram do mítico/sagrado como se fossem proprietários, para controlarem a fé dos homens e assim os dominarem, fazendo-lhes irracionais, sem o senso crítico e sem a capacidade de refletir sobre suas ações. São estes elementos em sincronia que tem gerado inúmeras ocorrências de crimes referente a intolerância religiosa.

Em relação ao enfrentando do preconceito religioso, cabe um movimento sistemático entre o Estado e a Sociedade Civil. Embora, como já se sabe, ocorrera no passado algumas medidas importantes através do Estado, como foi na própria promulgação da Constituição Federal de 1988, que assegura o culto livre a todas religiões. E na contemporaneidade, a criação de leis que criminaliza a intolerância religiosa, um avanço significativo impactando diretamente na vida dos que sofreram agressões físicas e psicológicas. No entanto, tais medidas repressivas não têm surtido os efeitos esperados, por este motivo trazer o conhecimento epistêmico por meio da leitura crítica reflexiva é fundamental para formar seres humanos independentes, sendo sujeitos e não objetos, Freire (1967). Logo, a escola se faz um ambiente propício para refletir sobre o preconceito e a intolerância religiosa, doravante, não existir espaço mais adequado para a desconstrução e construção de paradigmas.

Para esta propositura, como o meio ou quiçá, o único instrumento capaz de promover o resultado mais eficaz e assertivo é obra literária. Como foi visto ao longo deste trabalho, as credenciais que a literatura tem revestida sobre ela, o poder de intervir no seio da sociedade e na intimidade do indivíduo. Entretanto, a obra literária escolhida deve ser propositiva, no sentido de ampliar o conhecimento, como também provocar diversidades de reações e emoções. No romance *O homem que calculava*, o autor conseguiu incluir

dentro dessa obra quatro religiões das mais e tradicionais do planeta, das quais ainda na contemporaneidade vivem os acirramentos conflituosos, e que continuam exacerbados causando a morte de milhares de pessoas. Contudo, o escritor criou uma harmonia de respeito e admiração entre as religiões de maneira sublime e interdisciplinar, ao trazer a matemática e os contos como caminhos para o conhecimento, a contribuir de maneira significativa com crescimento intelectual dos leitores, além disseminar a tolerância entre as pessoas e suas crenças.

5 REFERÊNCIAS.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf Acesso em 01/02/2024

BRASIL. Código Penal Decreto-Lei nº 2.848 de 7 de dezembro de 1940. Disponível em https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529748/codigo_penal_1ed.pdf Acesso em 01/02/2024

BRASIL. Lei 10.639/2003, 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.395, de 20 de dezembro de 1996. Diário da União, Poder Executivo, Brasília.

Brasil tem um aumento de denúncias de intolerância religiosa; veja avanços e desafios no combate ao crime. Fantástico, revista eletrônica. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2024/01/21/brasil-tem-aumento-de-denuncias-de-intolerancia-religiosa-veja-avancos-e-desafios-no-combate-ao-crime.ghtml>. Acesso em: 03/04/2024.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ª ed. Ouro sobre Azul. Rio de Janeiro, 2006.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Religião no povo**. 2ª ed. São Paulo: Global, 2011.

Censo das religiões do Brasil realizado pelo IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107> Acesso em 02/01/2024

COMPAGNOM, Antoine. **Literatura para que?**; tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2009.

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

Grosfoguel, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Sociedade e Estado* [online]. 2016, v. 31, n. 1, pp. 25-49. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100003>> acesso em 24/02/2024

HOOKS, Bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática / bell hooks**; tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020. 288 p.

Liberdade religiosa ainda não é realidade: os duros relatos de ataques por intolerância no Brasil. Uol. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/ultimasnoticias/bbc/2023/01/30/liberdade-religiosa-ainda-nao-e-realidade-os-duros-relatos-deataques-por-intolerancia-no-brasil.htm>, acesso em 20/04/2023.

LOPES, Felipe da Silva. **As funções da literatura**. Revista de Direito, Arte e Literatura, v. 7, 2021.

MARINHO, Paula Márcia de Castro. **Intolerância religiosa, racismo epistêmico e as marcas da opressão cultural, intelectual e social**. *Sociedade e Estado*. 2022, v. 37, n. 2,

pp. 489-510. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202237020005>>
Acesso em 22/02/2024.

MARTINS, Karine; SILVA, Nivalda. **Intolerância religiosa e os direitos humanos**. Disponível em:
<<https://www.unifenas.br/extensao/publicacoes/XVIIIcongressodireito/anais/09.pdf>>

MICHAELIS: Moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: companhia melhoramentos, 1998.

O direito à literatura / organizadores : Aldo de Lima... [et al.] – Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2012.

PAIVA, José. **Transmitindo cultura: A catequização dos índios do Brasil, 1549-1600**. Revista Diálogo Educacional – v. 1 – n.2 – p.1-170 – jul./dez/2000. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/3469/3385>. Acesso em: 30/04/2024.

PORTO, Ana Gomes. De Malba Tahan a Melo e Souza: a construção de uma identidade (1923-1938). Pro-posições, 34, e20210071. Disponível em:< <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2021-0071> >Acesso em: 28/02/2024.

SANTOS, Antonio Bispo. **Somos da terra**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 12, página 44 - 51, 2018.

TAHAN, Malba. **O homem que calculava**. 83ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**; tradução Caio Moura. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

TRINDADE, Solano. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em:< <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa255970/solano-trindade>> Acesso em: 11 de março de 2024. Verbete da Enciclopédia.

TRINDADE, Solano. Poemas antológicos de Solano Trindade / organização de Zenir Campos Reis. São Paulo: Nova Alexandria, 2011.